

## **O corpo da atleta com deficiência no Instagram: uma análise do perfil de Camille Rodrigues<sup>1</sup>**

Tatiane HILGEMBERG<sup>2</sup>  
Universidade Federal de Roraima, Boa Vista, RR

### **RESUMO**

A questão da deficiência está inserida nos estudos da corporalidade como um processo sociocultural. As mídias sociais permitem que as pessoas com deficiência lidem diretamente com a sociedade, com possibilidades de concordar, contrapor ou complementar o que é divulgado pelos meios tradicionais. Assim, nesse artigo temos como objetivo analisar fotografias publicadas pela paratleta Camille Rodrigues em 2016, em seu perfil no Instagram. Empregando a perspectiva do feminismo pós-estruturalista, iremos explorar criticamente as relações o corpo da atleta com deficiência e a ideia de corpo abjeto desenvolvida por Judith Butler, como uma forma de pensar uma teoria feminista da deficiência.

**PALAVRAS-CHAVE:** Corpo; Deficiência; Instagram; Atleta Paralímpica.

### **Introdução**

Os antigos gregos foram os primeiros a questionar no que consiste a perfeição e ainda, que tipo de perfeição o ser humano pode atingir. Platão sugeriu que as formas ideais fornecem um padrão para a beleza estética. Seguindo as ideias de Platão, a arte Ocidental tem procurado representar o corpo humano perfeito. Essa representação tem se concentrado particularmente na masculinidade, na ação, na fisicalidade e na eficiência dos movimentos (MARKS, 1999). Entre os gregos o corpo era fundamental, principalmente pela importância dada à estética, aos ideais atléticos e às práticas bélicas, por este motivo, foi na Grécia Antiga que o termo estigma foi cunhado para designar “sinais corporais com os quais se procurava evidenciar alguma coisa de extraordinário ou mau sobre o status moral de quem os apresentava” (GOFFMAN, 1988, p. 11).

Assim, como afirma Pontes, Naujorks e Sherer (2001), notamos que são os valores culturais que permitem categorizar as pessoas que fogem aos padrões de normalização,

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP Comunicação e Esporte, XXI Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 44º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Docente do curso de Comunicação Social e do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Roraima, e-mail: tatianehilgemberg@gmail.com.

---

aferindo a essas, determinados rótulos sociais, que, como argumenta Lippman (1922), são demasiado vazios, abstratos e desumanos.

De acordo com Maciel (2000) o estigma da deficiência é grave, uma vez que transforma essas pessoas em seres incapazes, improdutivos, indefesos, sempre deixados em segundo lugar na ordem das coisas. Ou seja, as pessoas com deficiência enfrentam duplamente os efeitos da vulnerabilidade social. Primeiro, por não serem reconhecidas socialmente como sujeitos produtivos, e com conseqüente dificuldade de inserção no mercado. E segundo, mesmo pela impossibilidade de garantirem sua autonomia econômica, social e simbólica, resultando em exclusão e isolamento ao não fazerem parte da sociedade produtiva. O sujeito com deficiência torna-se reduzido a essa deficiência, o que o impede de exercer seu papel social de indivíduo.

Garland-Thomson (2004) argumenta que o discurso dominante se refere ao corpo branco, masculino e sem deficiências, e completa afirmando que esse tipo de discurso funciona como disciplinador das diferenças corporais.

Este artigo traz alguns resultados de uma pesquisa ainda em andamento. Através da análise de cinco fotografias publicadas pela paratleta Camille Rodrigues em 2016, e empregando a perspectiva do feminismo pós-estruturalista, iremos explorar criticamente as relações do corpo da atleta com deficiência e a ideia de corpo abjeto desenvolvida por Judith Butler, como uma forma de pensar uma teoria feminista da deficiência.

### **Corpos com deficiência**

Existe uma dificuldade em se identificar com corpos que possuem diferenças marcantes, e que passam a ser vistos, portanto, como patologias. “Ou seja, quando uma pessoa com características diferentes daquelas que se esperava encontrar em determinado ambiente é apresentada ou é vista fazendo parte dele, essa pessoa é considerada estranha” (SANTOS, 2008, p. 504). Esse desvio corporal, caracterizado pela falta ou excesso de algo, representa aquilo que foge ao esperado, ao eficiente, ao belo, ao capaz, etc.

As descobertas do corpo possuem uma história secular e vasta, pontuada pelos avanços e limites do conhecimento humano. Pois se o corpo não cessa de ser descoberto, é preciso não perder de vista a provisoriedade de cada conhecimento produzido a seu respeito: constantemente redescoberto, nunca, porém, completamente revelado! (SANT'ANNA, 2000, p. 237).

O conhecimento do corpo que vai da medicina dos humores à biotecnologia moderna, que passa pela Psicologia, Antropologia, Sociologia, não se restringe a um

---

campo ou a outro, pertence a todos. Quando se fala de corpo nos estudos antropológicos, por exemplo, o trabalho de Marcel Mauss é incontestável como legado para se pensar o corpo como instrumento sobre o qual incidem técnicas, sendo Mauss considerado, inclusive, um dos primeiros autores a estabelecer parâmetros teórico-metodológicos do que hoje é conhecido como sociologia do corpo. Em seu ensaio “As Técnicas Corporais”, Mauss (1984) afirma que não existe comportamento natural, ou seja, o corpo nunca poderia ser encontrado no suposto estado natural, e que cada ação carrega em si marcas do aprendizado e da cultura. Durkheim (1989), em “As Formas Elementares da Vida Religiosa”, de forma análoga, distingue o corpo físico universal do corpo social e afirma que o “homem é duplo”.

Mary Douglas (1996) desenvolve essas ideias ao afirmar que

O corpo social limita a forma com que o corpo físico é percebido. A experiência física do corpo, constantemente modificado pelas categorias através das quais é conhecido, mantém uma visão particular de sociedade. Há constante troca de significado entre os dois tipos de experiência corporal de modo que uma reforça as categorias da outra. Como resultado dessas interações o corpo em si é um médio altamente restrito de expressão<sup>3</sup> (DOUGLAS, 1996, p. 69, tradução nossa).

Segundo a autora o corpo é matriz de múltiplos significados e afirma que toda expressão “natural” é culturalmente determinada, mas ao mesmo tempo essas categorias também são utilizadas para legitimar hierarquias, diferenças e exclusões. O corpo é, indubitavelmente, espaço de hierarquia e poder. Sua docilidade e disciplinarização foram necessárias para que a produção capitalista alcançasse êxito.

Assim também afirma Merleau-Ponty (1962), que vê o corpo como um criador ativo de significado e o local de expressões significativas. O corpo não deve ser visto como matéria separada da subjetividade e do ambiente, mas como uma entidade intrinsecamente ligada ao contexto e significado criativo. Da mesma forma, o pensamento feminista pós-estruturalista reivindica a ideia de que a corporeidade está intimamente ligada às dinâmicas sociais, sendo o corpo um local onde forças sociais, políticas e econômicas se encontram em conflito.

---

<sup>3</sup>The social body constrains the way the physical body is perceived. The physical experience of the body, always modified by the social categories through which it is known, sustains a particular view of society. There is a continual exchange of meanings between the two kinds of bodily experience so that each reinforces the categories of the other. As a result of this interaction the body itself is a highly restricted medium of expression.

---

A questão da deficiência também está inserida nos estudos da corporalidade como um processo sociocultural. O que percebemos é que as ideias de Butler sobre abjeção estão cada vez mais presentes em estudos sobre a deficiência. Apesar de a autora não refletir especificamente sobre deficiência, os corpos abjetos podem ser pensados para além das questões de sexo/gênero. Ao longo dos anos, os estudos da deficiência passaram a focar em questões que já são estudadas há anos pelos estudos feministas. Como afirma Garland-Thomson (2004) essas pesquisas podem fornecer métodos, perspectivas e conhecimentos que ajudam a aprofundar os estudos da deficiência. Assim, nas próprias palavras de Butler, “(...) o abjeto para mim não se restringe de modo algum a sexo e heteronormatividade. Relaciona-se a todo tipo de corpos cujas vidas não são consideradas ‘vidas’ e cuja materialidade é entendida como ‘não importante’” (PRINS; MEIJER, 2002, p. 161). Entendemos, portanto que os corpos deficientes também fazem parte do rol de corporeidades abjetas. O corpo abjeto é estranho, é o “outro”, sustentando a construção da exclusão. “Neste processo a construção do ‘não eu’ como abjeto estabelece as fronteiras do corpo, que são também os primeiros contornos do sujeito” (BUTLER, 2013, p. 191). Melo (2014, p. 85) destaca que a “(...) deficiência é a materialidade da abjeção em sua mais radical acepção: os “corpos extraordinários” perturbam nosso olhar porque parecem representar, positiva ou negativamente, uma das mais totalizantes experiências de transgressão corporal”.

Os corpos com deficiência, então, ocupam uma posição central na discussão ocidental do que se constitui como humano. Assim, como resultado do tratamento negativo, a pessoa com deficiência desenvolve uma opressão interna, que gera sentimentos de dúvida e inferioridade. De acordo com o modelo médico, esses sentimentos fazem parte de uma resposta psicológica do indivíduo à deficiência, entretanto o modelo social construtivista vê essa opressão como resultado da imposição de uma identidade marginalizada.

(...) discursos são mais do que formas de pensar e produzir sentido. Eles também dão forma à materialidade do corpo, às experiências corporais dos indivíduos, e a seu senso de *self*. Discursos podem oprimir grupos marginalizados tais como mulheres, minorias raciais e deficientes, através da produção de um poder/conhecimento específico. Isso não significa que os indivíduos são tolos sociais. O feminismo pós-estruturalista argumenta que há também espaço para

---

desafiar as estruturas opressoras<sup>4</sup> (AMSTERDAM; KNOPPERS; JONGMANS, 2015, p. 157, tradução nossa).

Se por um lado, as pessoas com deficiência são vítimas de um discurso dominante capacitista, principalmente pela mídia tradicional que reforça ideologias, enquadra determinados aspectos e leva sua audiência a uma rede simbólica de significações que organiza o mundo social. Por outro, as mídias sociais permitem que essas pessoas lidem diretamente com a sociedade, com possibilidades de concordar, contrapor ou complementar o que é divulgado pelos meios tradicionais (SANDERSON, 2010).

O discurso midiático tradicional propõe definições do que é certo, do que é belo, do que é bom. Braga (2009), por exemplo, ao analisar capas de revistas femininas percebeu que em 98% do material o corpo representado era branco e em todos os casos a magreza era exposta, nenhum corpo diferente do discurso vigente. O corpo com deficiência, quando não ausente, é, geralmente, representado de forma estereotipada.

No ambiente digital, o sujeito sente-se livre para expor o “eu” desejado, numa tentativa de controlar o discurso sobre si. De acordo com Ellis e Goggin (2015) as redes sociais, como Facebook, Blog, Twitter, etc., permitem que as pessoas com deficiência valorizem sua identidade, podendo, inclusive influenciar a agenda midiática ao oferecer representações e interpretações de acordo com a perspectiva desse grupo de indivíduos.

De acordo com Hargreaves (1985) ao tornar as pessoas visíveis – tornando os espaços cada vez mais públicos – o sistema de vigilância e disciplina é expandido como forma de produzir pessoas normais. Ou seja, os corpos expostos em público – nas ruas, praias, academias, na mídia, etc. – constituem por si um sistema mútuo e completo de vigilância e disciplina, a autoridade implacável que julga os corpos no espaço social de acordo com as normas. Assim, na sociedade contemporânea o esporte tem importância fundamental não só na manutenção da saúde, mas também na busca por uma forma corporal que respeite os padrões vigentes.

## Método

---

<sup>4</sup> (...) discourses are more than ways of thinking and producing meaning. They also shape the materiality of the body, the embodied experiences of individuals, and their sense of self. Discourses can oppress marginalized groups such as women, racial minorities and the disabled through the production of specific knowledge/power. This does not mean that individuals are social dupes. Feminist poststructuralists argue that there is also room to challenge these oppressing structures (AMSTERDAM; KNOPPERS; JONGMANS, 2015, p. 157).

---

A nadadora paralímpica Camille Rodrigues vem publicando em suas redes sociais imagens que antagonizam com a ideia de que a mulher com deficiência é assexuada e infantil, e já se destaca no cenário nacional por ter feito parte de videoclipes de músicos como Lucas Lucco, se apresentado no Prêmio Multishow de 2017 com a cantora Anitta e participado da abertura do programa Fantástico, da Rede Globo.

Para a nossa pesquisa coletamos todas as publicações feitas no feed do Instagram da atleta no último ano do ciclo paralímpico de 2016, ou seja de 01 de Janeiro a 30 de Setembro daquele ano. A amostra geral é composta por 342 postagens, das quais 306 são fotografias. A coleta foi realizada no dia 29 de Maio de 2020, essa data é importante de ser mencionada pois, para este trabalho, analisamos as cinco fotografias dessa amostragem com o maior número de curtidas.

O Instagram apresenta-se com uma plataforma dinâmica, que permite o compartilhamento de momentos de vida, através de imagens e vídeos, possibilitando a inserção de legendas, hashtags (simbolizadas por #) e a menção a outros usuários (simbolizada por @), incentivando também as conexões sociais.

A plataforma oferece, portanto, uma série de ferramentas que possibilitam aos usuários produzir imagens de seus corpos de acordo com suas próprias escolhas. Ao mesmo tempo oferece outros tipos de instrumentos, como por exemplo as curtidas e comentários, que permitem aos indivíduos julgar essas imagens – quanto maior o número de curtidas e comentários maior o sucesso da postagem.

Apesar de já ter atraído mais de 150 milhões de usuários ativos, ter uma média de 55 milhões de fotos publicadas diariamente e de seu sucesso demonstrar que vídeos e fotos se tornaram a principal moeda social, poucos são os estudos que se debruçam sobre o Instagram.

Como metodologia, propomos a utilização da Teoria Fundamentada, também conhecida como *Grounded Theory*, proposta por Glaser e Strauss (1967). De acordo com Fragoso, Recuero e Amaral (2011, p. 87) esse método “(...) é interessante para quem deseja pesquisar o ciberespaço, pois propõe a atuação da análise em conjunto com o processo de coleta de dados, de forma a permitir que a teoria emerja do empírico”.

### **Corpo e autorrepresentação**

As mídias sociais permitem que os atletas lidem diretamente com seu público, com possibilidades de concordar, contrapor ou complementar o que é divulgado pelos

meios tradicionais (SANDERSON, 2010), além de tornar possível a construção de múltiplas identidades. No ambiente digital, o sujeito sente-se livre para expor o “eu” desejado, numa tentativa de controlar o discurso sobre si, e dado o caráter instantâneo e multimidiático da Web 2.0, fica fácil transitar entre diferentes espaços interacionais.

De acordo com Ellis e Goggin (2015), as redes sociais, como Facebook, blogues, Twitter etc., permitem que as pessoas com deficiência valorizem sua identidade, podendo, inclusive influenciar a agenda midiática ao oferecer representações e interpretações de acordo com a perspectiva desse grupo de indivíduos. Snyder e Mitchell (2008) sugerem que a exposição a uma variedade mais ampla de deficiências, que pode ocorrer no ciberespaço, pode produzir o que eles chamam de “reprogramação estética” da audiência, que passa a ter contato com uma multiplicidade de discursos que podem (re)enquadrar suas experiências e ideias sobre a deficiência. Isso também pode acontecer no contato com uma multiplicidade de discursos sobre a deficiência, e com diversas formas de se representar os corpos.

Hyde e Todd (1996), por exemplo, ao analisar a opinião das pessoas com deficiência sobre o meio online demonstram que elas percebem o ciberespaço como um espaço social onde podem expressar suas ideias sem serem julgadas com base em suas deficiências, e como meio que oferece oportunidades de controle sobre a forma como são representadas e apresentadas.

Camille Rodrigues é uma nadadora amputada da perna direita, por conta de uma malformação congênita, que começou sua carreira profissional em 2007. Participou do Parapanamericano de Guadalajara em 2011, onde conquistou três medalhas de prata e um bronze. Em 2015 Camille fez parte da delegação brasileira nos Parapan de Toronto e voltou ao país com três medalhas de ouro, além de ter também participado dos Jogos Paralímpicos do Rio em 2016, sem, contudo, ter conquistado medalha. Atualmente é atleta do Clube de Regatas do Vasco. Em seu perfil no Instagram, que conta com mais de 275 mil seguidores, Camille se define como influenciadora digital, dançarina e palestrante.

Como já dissemos em outros trabalhos (HILGEMBERG, 2016; 2019) o esporte foi criado por e para pessoas sem deficiência, dando prioridade para alguns tipos de movimentos humanos, e com um certo número de padrões através dos quais os atletas são avaliados. Esses padrões são designados, segundo Brittain (2004), para destacar e reverenciar o extremo da perfeição corporal através da associação com o fitness, saúde,

---

dinamismo, juventude e apelo sexual, o que está fortemente em contraste com a imagem do esporte para pessoas com deficiência, vistas com “doentes”, “aleijados”, “deficientes”, “mutilados” (SCHANTZ; GILBERT, 2001). De acordo com Garland-Thomson (2004, p. 77, tradução nossa) “(...) deficiência é um termo amplo que inclui categorias ideológicas tão variadas quanto doentes, deformados, loucos, feios, idosos, aflitos, anormais ou debilitados, todas pessoas em desvantagem com corpos desvalorizados que não estão de acordo com padrões culturais”<sup>5</sup>.

Diversos autores (Schantz e Gilbert, 2001; Schell e Rodriguez, 2001) afirmam que as atletas com deficiência são sujeitas a múltiplas discriminações, uma vez que, em geral, não se enquadram na perspectiva da fisicalidade, ou seja, à representação social de corpo atlético ideal; não correspondem à ideia de masculinidade, identificada por características como agressividade, independência, força e coragem; nem pela sexualidade, definida como uma visão socialmente esperada e aceita de comportamento sexual.

Garland-Thomson (2004) nos leva a pensar deficiência e gênero como significantes culturais, e afirma que os corpos de pessoas com deficiência e mulheres são disciplinados através da medicina e da ditadura da estética, como por exemplo, cirurgias plásticas que visam à normalidade, ou seja, ao apagamento da deficiência como forma de se inserir em uma sociedade normativa. “Juntos, os sistemas de gênero, raça, etnicidade, sexualidade, classe, e capacidade [deficiência] exercem imensa pressão social para moldar, regular e mobilizar corpos subjugados”<sup>6</sup> (GARLAND-THOMSON, 2004, p. 80, tradução nossa).

Assim, pelo exposto, percebemos que a atleta Camille Rodrigues, pode trazer uma imagem disruptiva ao apresentar o membro amputado de forma natural, como parte, eficiente, de seu corpo. O que percebemos das cinco postagens de Camille no Instagram, com maior número de curtidas, é a presença do corpo da atleta que deixa visível sua prótese, que muitas vezes têm protagonismo em suas fotos, como uma recusa a esconder sua deficiência. Das cinco publicações analisadas, em quatro a atleta estava inserida em

---

<sup>5</sup> disability is a broad term within which cluster ideological categories as varied as sick, deformed, crazy, ugly, old, maimed, afflicted, mad, abnormal, or debilitated-all of which disadvantage people by devaluing bodies that do not conform to cultural standards

<sup>6</sup> Together, the gender, race, ethnicity, sexuality, class, and ability systems exert tremendous social pressures to shape, regulate, and normalize subjugated bodies (GARLAND-THOMSON, 2004, p. 80).

contexto esportivo. Em duas fotos Camille traja maiô, e incorpora o “visual” sexualizado que exige que as mulheres estejam em forma (Figura 01 e Figura 02).



Figura 01: Foto publicada no perfil de Camille Rodrigues no Instagram em 24 de Agosto de 2016



Figura 02: Foto publicada no perfil de Camille Rodrigues no Instagram em 28 de Agosto de 2016

Em seu artigo “(Re)fusing the Amputated Body: An interactionist bridge for feminism and disability”, Schriempf (2001) discute a matéria e ensaio “Meet Ellen Stohl<sup>7</sup>” publicada na Playboy americana em 1987, a primeira vez que uma mulher com deficiência foi fotografada pela revista. Nas fotos em que aparece nua a deficiência da modelo está invisível, sua cadeira de rodas não aparece, ela não posa de pé, está sempre sentada ou deitada, e não há qualquer indício de sua paraplegia. Contudo nas fotos do dia a dia ela é representada fazendo coisas consideradas inacessíveis para pessoas com deficiência. Há uma clara divisão entre a sexualidade em que a deficiência está invisível e o cotidiano em que a deficiência é mostrada (SCHRIEMPF, 2001).

Garland-Thomson (2004, p. 97) analisa fotografias da ativista, modelo, celebridade e velocista dupla amputada Aimee Mullins e afirma que suas próteses “zombam com orgulho” a ideia utópica do corpo perfeito, ao mesmo tempo em que o restante de seu corpo se conforma exatamente com esses mesmos padrões estéticos. Assim como Camille que em suas fotos opta por não ocultar ou apagar sua deficiência (Figura 03) gerando uma narrativa que pode funcionar contra os discursos e práticas hegemônicas opressivas e capacitistas, sendo capaz de rejeitar a ideia de corpo abjeto relacionado ao corpo com deficiência.

<sup>7</sup> Ellen Stohl era uma modelo e atriz que ficou paraplégica após um acidente de carro.

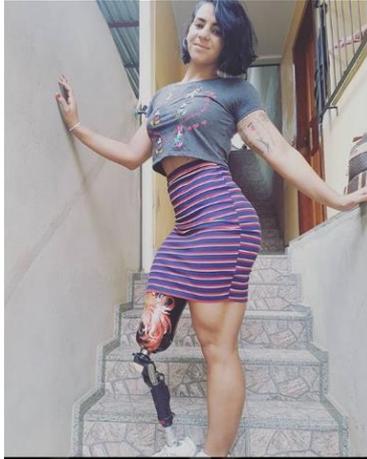


Figura 03: Foto publicada no perfil do Instagram de Camille Rodrigues em 30 de Setembro de 2016.

No entanto, também podemos refletir que ao apresentar a prótese talvez haja uma tentativa de conformidade uma vez que a prótese substitui visualmente o membro amputado, e ganha foco no lugar do membro em si. Como afirma Garland-Thomson (2004, p. 97) sobre Aimee Mullins, Camille também corporifica um paradoxo ao ser uma mulher bonita e atraente e se autorrepresentar de forma sensual, o que em parte se conforma com as normas estéticas, e ao mesmo tempo ser uma pessoa com deficiência considerada abjeta.

O corpo da mulher é central para os circuitos do consumo na economia da visibilidade online. A autorrepresentação feminina nesse cenário, muitas vezes, ocorre através da exibição corporal, o que gera um sentido ambivalente uma vez que por um lado promove a mulher como agente independente e empoderada do processo de construção da própria imagem, e por outro evoca um sentido de objetificação do corpo feminino (TOFFOLETTI; THORPE, 2018).

O que depreendemos dessa rápida análise é que o feminismo é complexo, bem como sua crítica cultural. Os estudos feministas nos ajudam a pensar criticamente o uso das imagens das mulheres como objetos sexuais para a gratificação masculina, e ao mesmo tempo aponta que é nesse mesmo sistema capitalista que estão inseridas contra-imagens e contra-narrativas, que, na verdade, estão em busca de novos mercados. As fotografias publicadas por Camille Rodrigues ao mesmo tempo em que criticam o sistema normativo-opressor ao dar não apagar a deficiência, também o reforça.

## Conclusão

---

Fine e Asch (1988, p. 21) contam a seguinte história: Uma pré-adolescente com espinha bífida vai ao ginecologista e o questiona se poderá ter relações sexuais prazerosas com um homem, ao que o médico responde “Não se preocupe, sua vagina é estreita o suficiente para satisfazer qualquer homem”. Schriempf (2001) retoma essa história para demonstrar que existem pressuposições que não podem ser inteiramente explicadas nem pela teoria feminista nem pelos estudos da deficiência. Para ela o problema não é que o médico seja sexista ou capacitista, mas que a pré-adolescente tenha que fazer essa pergunta, e questiona “Quantas feministas sem deficiência leitores deste artigo, por conta de sua corporalidade, tiveram que perguntar a seus médicos se elas seriam capazes de ter relações sexuais satisfatórias?”<sup>8</sup> (SCHRIEMPF, 2001, p. 55, tradução nossa).

Ao reconhecer gênero como uma categoria que afeta as investigações acadêmicas, as feministas foram obrigadas a pensar quais outras identidades sociais deveriam ser reconhecidas. Assim, além de gênero, raça, classe e sexualidade também passaram a ser consideradas, reconhecendo que a mulher nunca é simplesmente uma mulher, mas um conjunto de identidades dentro do espectro de categorias culturais. Contudo a deficiência é uma das intersecções menos exploradas pelos estudos feministas.

Por sua vez, os estudos críticos da deficiência têm se aproximado, ainda que timidamente, do conceito de abjeção, uma vez que os corpos deficientes também não estão enquadrados no padrão normativo da sociedade.

Reforçamos que o estabelecimento de relações entre corpo abjeto e deficiência a partir de uma perspectiva feminista pós-estruturalista ainda é um projeto em andamento, e esse artigo traz algumas considerações iniciais sobre esse debate. Como pudemos notar através da análise das postagens feitas pela atleta Camille Rodrigues em seu perfil no Instagram, o corpo com deficiência, considerado abjeto, pode apresentar características que reforçam as normas estéticas opressoras; características essas exibidas pela atleta, sem, no entanto, apagar sua deficiência. A ambiguidade aparente aponta para os próprios paradoxos comuns da atualidade e do pensamento feminista que busca discutir criticamente a sociedade, ao mesmo tempo em que oferece ferramentas para o empoderamento das mulheres.

---

<sup>8</sup> How many of the able-bodied feminist readers of this paper, because of their embodiment, have asked their doctors if they would be able to have satisfying sexual relations?” (SCHRIEMPF, 2001, p. 55).

---

## REFERÊNCIAS

AMSTERDAM, N., V.; KNOPPERS, A.; JONGMANS, M. 'It's actually very normal that I'm different'. How physically disabled youth discursively construct and position their body/self. *Sport, Education and Society*, 20:2, 152-170, 2015.

BUTLER, Judith. *Problemas de Gênero: feminismo e subversão da identidade*. Tradução de Renato Aguiar. 6ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013.

BRAGA, A. Corpo, mídia e cultura. *Razón y Palabra*, 69, 2009. Disponível em: <<http://www.razonypalabra.org.mx/CORPO%20MIDIA%20E%20CULTURA.pdf>>. Acesso em: 27 out. 2016.

BRITAIN, I. British Media Portrayals of Paralympic and Disability Sport. In: SCHANTZ, O.; GILBERT, K. (Eds.). *Heroes or Zeroes? The media's perceptions of Paralympic sport*. Illinois: Common Ground Publishing LLC, 2012. p. 105-112.

DOUGLAS, M. *Natural Symbolics: Explorations in cosmology*. London: Routledge, 1996.

DURKHEIM, E. *As Formas Elementares da Vida Religiosa*. São Paulo: Edições Paulinas, 1989.

ELLIS, K; GOGGIN, G. *Disability & the Media*. London: Palgrave, 2015.

FINE, M.; ASCH, A. *Woman with disabilities: Essays in psychology, culture, and politics*. Philadelphia, Pa: Temple University Press, 1988.

FRAGOSO, S.; RECUERO, R.; AMARAL, A. *Métodos de pesquisa para internet*. Porto Alegre: Sulina, 2011.

GARLAND-THOMSON, R. Integrating Disability, Transforming Feminist Theory. In: SMITH, B. G.; HUTCHINSON, B. (Eds.). *Gendering Disability*. New Jersey and London: Rutgers University Press, 2004. p.73-103.

GLASER, B. G. e STRAUSS, A.L. *The Discovery of Grounded Theory*. New York, Aldine, 1967.

GOFFMAN, E. *Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. Tradução Márcia Bandeira de Mello Leite Nunes. Rev. téc.: Gilberto Velho. 3 ed. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1988.

HARGREAVES, J. A. The body, sport and power relations. *The Sociological Review*, v. 33, n. 1, maio 1958. p. 139-159.

HILGEMBERG, T. Smile for the Camera: Photographic Analysis of 2012 Paralympic Games Media Coverage in Brazilian Newspapers. *Journal of Sport Science and Physical Education*, 2016, 70, 13-21.

HILGEMBERG, T. The Brazilian Way: Media Coverage of the London 2012 Paralympic

Games. In K. Ellis; R. Garland-Thomson; M. Kent & R. Robertson (eds.), *Interdisciplinary Approaches to Disability: Looking towards the Future*, v. 2. New York: Routledge, 2019.

HYDE, D.; TODD, R. An Overview of Issues Surrounding Use of the Internet by People with Disabilities. In: 18th World Congress of Rehabilitation International, 1996, Auckland, Nova Zelândia. *Anais...*, Auckland, Nova Zelândia, 1996.

LIPPMANN, W. *Public Opinion*. New York: Macmillan, 1922.

MACIEL, M. R. C. Portadores de Deficiência: a questão da inclusão social. *São Paulo em Perspectiva*, v. 14, n. 2, 2000. p. 51-56. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-88392000000200008&Ing=es&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-88392000000200008&Ing=es&nrm=iso)>. Acesso em: 20 mar. 2007.

MARKS, D. *Disability: Controversial debates and psychosocial perspectives*. London and New York: Routledge: 1999.

MAUSS, M. *Sociologia e Antropologia*. São Paulo: EPU, 1984.

MELLO, A. G. *Gênero, Deficiência, Cuidado e Capacitismo: uma análise antropológica de experiências, narrativas e observações sobre violência contra mulheres com deficiência*. Dissertação (mestrado) – Centro de Filosofia e Ciência Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2014.

MERLEAU-PONTY, M. *Phenomenology of Perception*. London: Routledge, 1962

PONTES, B.; NAUJORKS, M. I.; SHERER, A. Mídia Impressa, Discurso e Representação Social: A Constituição do sujeito deficiente. In: XXIV CONGRESSO BRASILEIRO DA COMUNICAÇÃO, 2001, Campo Grande. *Anais...* Campo Grande/MS: 2001. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/2001/np11/NP11PONTES.pdf> > Acesso em: 10 mar. 2007.

PRINS, B.; MEIJER, I. C. Como os corpos se tornam matéria: entrevista com Judith Butler. *Estudos Feministas*, 10, 1º SEMESTRE 2002.

SANDERSON, J. Framing Tiger's Troubles: Comparing Traditional and Social Media. *International Journal of Sport Communication*, 3, p. 438-453, 2010.

SANT'ANNA, D. B. As Infinitas Descobertas do Corpo. *Cadernos Pagu*, 14, 2000. p. 235-249.

SANTOS, W. R. Pessoas com Deficiência: nossa maior minoria. *Revista de Saúde Coletiva*, v. 18, n. 3, 2008. p. 501-519. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/physis/v18n3/v18n3a08.pdf>>. Acesso em: 28 Dez. de 2009.

---

SCHANTZ, O.; GILBERT, K. An Ideal Misconstrued: Newspaper coverage of the Atlanta Paralympic Games in France and Germany. *Sociology of Sport Journal*, 18, p. 69-94, 2001.

SCHELL, B. L. A.; RODRIGUEZ, S. Subverting Bodies/Ambivalent Representations: Media Analysis of Paralympian, Hope Lewellen. *Sociology of Sport Journal*, 18, 1, p. 127-135, março, 2001.

SNYDER, S. L.; MITCHELL, D. T. How do we get all these Disabilities in here?: Disability film festivals and the politics of atypicality. *Reveu Canadienne d'Études cinématographiques/Cannadian Journal of Film Studies*, v. 17, n. 1, p. 11-29, 2008.

SCHRIEMPF, A. (Re)fusing the Amputated Body: An interactionist bridge for feminism and disability. *Hypatia*, v. 16, n. 4, p. 53-79, 2001.

TOFFOLETTI, K.; THORPE, H. The athletic labour of femininity: The branding and consumption of global celebrity sportswomen on Instagram. *Journal of Consumer Culture*, vol. 18(2) 298–316, 2018.